

Sua ex.^a Antonio de tomar, continua a tomar os bellos ares da manhã, e entrem-se em ouvir cantar pintasilgos, melros, rouxinoes e muitos mais passarinhos, e de tarde para se distrahir estuda a nova lei eleitoral, e com estes innocentes passatempos vigora e fortalece a sua importante e desejada saude.

Da Ilha do QUELHAS, uma das principaes do archipelago das seringaões, escrevem o seguinte:

SR. REDACTOR.



Mora nesta terra uma RAPOZA, que tem cara de gente; e ha quem diga ser um lobbis-homem! De noite faz medo aos visinhos, e affirmam que é ella o terror do REINO onde habitamos. Ha dias appareceu á porta da rua, onde a esperavam alguns exquisitos ratões, a cavallo em burros, e a quem dirigiu pouco mais ou menos as seguintes expressões:

Meninos! Chegou a hora de salvarmos a patria! Lindos, é na vossa mão que está esta grande seringaão! Ahi tendes essa papellada, que deveis distribuir ás mãos cheias por todos os que se vos apresentarem. Com estes papeis ides fazer um serviço importante. Dizei por toda a parte, que eu

Cá estou, menina, cá estou,

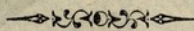
e que não largo o REINO por cousa alguma.

Meus queridinhos e gentis meninos! Dizei a esses penetras, que por ahi andam ainda com os olhos tapados, que vou acabar de salvar todas as pequenas miserias em que vivemos. Impingi essas listas que ahi vão, impingi-as a soquete, a martello, a masso, e até a ariete se fôr preciso. Cantai-lhe arias de caminhos de ferro, e dizei-lhe que se votarem com vosco nas proximas *exquisitices*, eu lhes mandarei fazer caminhos tão baratos que hão de ir á California e Australia em 10 minutos por meio tostão, e que de lá trarão ouro em pó com tanta fartura, que até com elle hão de barrar fogareiros, e fazer bollas.

Fica o negocio em vossas mãos. Agora

vejam o que fazem, e á vinda conversaremos.

Meninos! Aos seus destinos; ordinario, marche.....



Um ratão nosso amigo pede-nos a publicação do seguinte artigo:

Os Soberanos.



oberanos são umas chapinhas de ouro circulares, que teem de um lado uma carinha, do outro umas armas com harpas e leões, de roda uma sarrilha, e alguns em logar de armas teem um guerreiro a cavallo. A estes chamam-se de cavallinho. Mas, deixamo-nos de episodios. Cada uma d'estas chapinhas vale em Lisboa (não sei por que) 4\$500 rs. Até aqui vamos maravilhosamente bem; e aqui temos diante de nós sobre a mesa em que escrevemos, alguns milhares d'elles, entrando alguns de cavallinho. Queremos fazer os nossos pagamentos, e os que hão-de recebê-los fazem caretas aos soberanos, e se lhe pedimos troco, não o teem!!!... Vamos a uma loja aonde gira muito dinheiro, apresenta-se uma libra (frase mais janota), não ha troco! Vamos ao estanco comprar uma duzia de charutos de 40 réis (não fumamos d'outros), dá-se meia libra, não ha troco!!!! Vamos ao cambista troca-los, para termos dinheiro, já que infelizmente soberanos não parece dinheiro! Agora o vereis. Ahi é que torce a dictadura o rabo. Recebem a libra, batem com ella no balcão dez vezes, que me parecem mesmo uns saloios, ou vendedores do peixe, e depois de (quasi) os quererem experimentar á dentada, dizem assim com certo ar de aristocracia — perde 35 — perde um pataco — ou o que quizerem que nós percamos! — Dê cá a libra, lhe dizemos nós. — Pegue lá, isto é para quem quizer. — Recebemos a historia, e vamos um pouco esquentados! Mas se nós queremos pagar, e ninguem tem trôco! N'esse caso, tome lá, e dê cá dinheiro. Recebemos, com quasi um por cento de menos, sem ser decima, estradas, addicionaes, predios rusticos e urbanos, etc., etc., mas é sim uma libra que tem este imposto! E porque? Se está o tempo quente, sobe o rebato dos soberanos; se chove, sobe o rebate; se faz vento, augmenta o rebate; se o não faz, augmenta o rebate; estamos tal qual como no tempo das notas, que de noite estavam mais caras por causa do azeite, como na carreira dos

omnibus.

Os barbeiros já não querem trocar soberanos sem rebate. Finalmente, cada mão que está aberta para receber dinheiro, é um agiota, quando se lhe dá um soberano!!!...

Ora digam-me, isto não póde ter cura? Lembrem-me um meio, se é que o ha, ou então será como os pthysicos, que só a morte é que os cura?

(Um homem rico com soberanos,)

CANÇONETAS DA MAZELLA. (PARODIA).

Eu fui ao Passeio
E vi apinhados
Homens, desbarbados,
Perguntei, o que é isso?

E' moda chinesa
(Diz um militar)
As barbas cortar;
E que tem com isso?

E para não vêr
Mais queixos ao frio,
Vim para o Rocio
Mas vim pasmadiço!

Entro no Freitas
Para neve tomar
E torno a encontrar
O mesmo derriço.

Estavam á porta
Janotas fardados
De queixos rapados
E fallando n'isso.

E para não vêr
Mais gente com farda
E cara sem barba
Vim para o cortiço.

Vim para casa
Entro no Marrare
E torno a encontrar
Muito mais d'isso!

Muitos janotas
Muitos tafues
De queixos azues
E' celebre isso!!!

E' para saber
O negocio inteiro
Vim ao barbeiro
Perguntar por isso.

Chego á porta
Não pude entrar
Estava a barbear
Por um caniço!

Tem obra feita?
(Pergunto ao ratão)
Com a atrapalhão
Não deu por isso.
E farto de vêr
Queixos ao fresco
Mandei para o Burlesco
Este derriço.



Lith. Rida Esp.ª N.º 60

PARTIDA DOS AGENTES ELEITORARES